

Da exclusão a objeto de prazer: o corpo das mulheres oferece notas para uma reflexão teológica feminista

*Luiza E. Tomita**

RESUMO

O feminismo tem mostrado que as conquistas das mulheres são um fato inegável em todas as áreas das atividades humanas. Entretanto, existem contradições no comportamento de algumas mulheres que dão ensejo a ataques sexistas por parte de certos setores da sociedade. Aqui pretendo mostrar algumas dessas contradições veiculadas pela mídia e propor algumas reflexões teológicas feministas.

Palavras-chave: mulher; corpo; autonomia; feminismo; rebelião.

From exclusion to object of pleasure: the women's body offer notes for a feminist theological reflection

ABSTRACT

Feminism has shown that the women's achievements are an undeniable fact in all areas of human activities. However, there are contradictions in the behavior of some women that give room to sexist attacks from some sectors of society. Here I intend to show some of these contradictions spread out by the media and to propose some feminist theological reflections.

Keywords: woman; body; autonomy; feminism; rebellion.

* Doutora em Teologia Sistemática pela Universidade Metodista de São Paulo, secretária-executiva e tesoureira de EATWOT (Ecumenical Association of Third World Theologians), também conhecida como ASETT (Asociación de Teólogos del Tercer Mundo).

De la exclusión para objeto de placer: el cuerpo de las mujeres ofrece huellas para una reflexión teológica feminista

RESUMEN

El feminismo ha mostrado que las conquistas de las mujeres son un hecho innegable en todas las áreas de las actividades humanas. Todavía hay contradicciones en el comportamiento de algunas mujeres que permiten ataques sexistas por parte de ciertos sectores de la sociedad. Aquí intento mostrar algunas de esas contradicciones transmitidas por la media y proponer algunas reflexiones teológicas feministas.

Palabras clave: mujer; cuerpo; autonomía; feminismo; rebelión.

Introdução

Notas na mídia parecem questionar as conquistas das mulheres nas últimas décadas ao publicar fatos que contradizem os avanços na vida das mulheres. O comportamento de algumas mulheres revela que, por trás de uma aparência de autonomia, suas escolhas manifestam como são facilmente reféns da manipulação de um sistema de consumo com conotação patriarcal. Sua relação com o corpo, ao invés de mostrar uma rebeldia contra os mecanismos de opressão patriarcal, mostra um ajuste a eles, de forma a manifestar certa heteronomia. Essas mulheres revelam em suas ações que é difícil se libertar da ideologia patriarcal e se impor como seres que se auto-afirmam a partir de sua identidade específica. Quais as contribuições pode uma teologia feminista da libertação oferecer à reflexão sobre as contradições que aparecem na busca das mulheres pela autonomia?

1. Exclusão social e relações de poder

Dia 23 de junho de 2007. Cinco rapazes passam em um carro na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, e

atacam Sirlei Dias, 32 anos, em um ponto de ônibus às 4h30 da manhã. Ela é empregada doméstica e saiu bem cedo de casa para ser atendida em um posto de saúde, em outro bairro. Eles são rapazes de classe média, universitários, de 19 a 21 anos. Além de roubar a bolsa de Sirlei, eles a agredem fisicamente. Ela aparece nas fotos dos jornais com o rosto e o corpo bastante machucados. Um taxista viu tudo, anotou a placa do carro e, desta forma, os agressores foram presos. O que eles alegaram como motivo dos crimes de roubo e espancamento? Que pensavam que a mulher fosse prostituta!

Duas semanas depois, no dia 7 de julho, no mesmo bairro da Barra da Tijuca, dois rapazes de classe média roubam e espancam uma prostituta, e o fato quase não mereceu destaque nos jornais, porque foi considerado "corriqueiro".

Várias são as questões que me chamam a atenção ao ler essas manchetes: 1) que uma mulher sozinha pode ser facilmente identificada com uma prostituta; 2) que uma prostituta não tem valor humano, por ser mulher e transgredir as normas patriarcais de que seu corpo tem que ser controlado pelo homem (pai ou marido); 3) que existem relações de poder diferenciadas entre os gêneros e as classes sociais, relações estas tão definidas que podem gerar exclusão. E essa exclusão pode mesmo desumanizar os seres humanos, pois suas vidas passam a valer tanto ou menos que a vida de animais. A violência que caracteriza essa exclusão pode ser material ou simbólica e, não raro, as vítimas não esboçam nenhum gesto de reação, pois a desigualdade milenar as tolhe pelo sentimento de sua inferioridade social, racial, de gênero ou de orientação sexual.

As relações de poder que constituem o tecido da exclusão são, na maioria das vezes, múltiplas e complexas. Como no caso acima, os rapazes julgaram-se no direito de roubar a mulher por verem sua fragilidade, por ser mulher, e por julgarem-na desprezível, porque poderia ser uma profissional do sexo. Da mesma forma raciocinou o pai de um dos rapazes que, ao saber da prisão do filho, disse: "Eles não deveriam ser presos pois são todos rapazes de bem, de famílias honradas e estudantes universitários". O filho, por ser homem e de uma classe social que tem acesso à universidade, deveria ter regalias diante das

instituições jurídicas. A exclusão não é só material; é também simbólica e subjetiva, na medida em que depende da interpretação dos sujeitos que engendram essa exclusão. São os sistemas simbólicos que engendram essa exclusão por meio de uma lógica que define quem tem o poder de escolha e quem deve se submeter a esse poder.

2. O corpo das mulheres como objeto do prazer masculino

Desde o início do ano, um escândalo está abalando uma das mais importantes instituições políticas de nosso País, o Senado. O presidente do Senado, Renan Calheiros, está sendo denunciado como um dos políticos que sustentam a corrupção na licitação de obras públicas por grandes empreiteiras, além de muitas outras irregularidades, como a sonegação de impostos etc. Foi tornado público o uso que faz de lobistas dessas empreiteiras para pagamento de despesas particulares, sendo uma delas o pagamento mensal de uma robusta pensão alimentícia a uma ex-amante, mãe de uma criança nascida de um relacionamento fora do casamento. O caso tornou-se público e notório e a ex-amante, Mônica Velloso, mulher jovem e bonita, com cara e corpo de modelo, teve suas fotos bastante publicadas em revistas. Convidada por várias revistas masculinas a posar nua, sua resistência acabou vencida e ela aceitou fazer as fotos. É surpreendente, para não dizer chocante, como de vítima, uma jovem mulher torna-se protagonista. Infelizmente, este protagonismo não é dos mais invejáveis; antes, revela que o corpo da mulher é, com freqüência, objeto de comércio: sua beleza é cobiçada e ela vende sua imagem, seja para obter benesses materiais, seja para obter a satisfação de ser vista e cobiçada por um grande público masculino.

Algumas semanas antes, já uma profissional do esporte, a bandeirinha de futebol Ana Paula de Oliveira, que havia se tornado conhecida por ter gerado polêmica em torno de uma partida de futebol, também havia posado nua para uma revista masculina. De pivô de uma contenda futebolística, sua bela figura torna-se cobiçada por algumas revistas que lhe oferecem um alto cachê para posar nua. E ela decla-

ra não ver nenhum mal no fato. No meu ponto de vista, ela perdeu em credibilidade profissional.

O que surpreende é que essas jovens, bem situadas social e profissionalmente, reconhecidas por sua beleza e comportamento, aceitem se expor a olhares ávidos e famintos. Como interpretar o comportamento de tantas Mônicas e Ana Paulas? Seria pelo ganho financeiro, ou por vaidade, por ganância, por ambição, por orgulho, por exibicionismo ou luxúria que essas jovens são movidas a expor suas intimidades? Difícil responder, mas cada qual tem sua razão, ligada a motivos específicos, infelizmente reflexos de uma sociedade consumista que valoriza o exibicionismo e a autopromoção como valores pessoais. Nossos jovens são um exemplo vivo desse tipo de sociedade. Basta entrar nos sites de relacionamento do tipo Orkut e isto aparece com toda a clareza. E essa sede de exibicionismo é tão grande que chega mesmo a prejudicar seus usuários. No último dia 10 de setembro, por exemplo, foi desmascarada uma quadrilha que assaltou e seqüestrou uma família de classe abastada em São Paulo. Seus membros foram descobertos porque alguns deles, bastante jovens, vangloriaram-se, revelando detalhes indevidos, nesse mesmo site!

3. O mito da beleza ou o mito do corpo perfeito

O título de uma matéria que apareceu no mês de novembro do ano passado, na revista *Veja*¹, chamou minha atenção: “Cada vez mais cedo: a anorexia começa a fazer vítimas entre os menores de 12 anos” (*Veja*, 30 nov. 2005, p. 96). Já em 2004, a mesma revista havia publicado um artigo que mostrava o quanto educadores/as brasileiros/as estão preocupados/as com o aparecimento de *sites* na Internet promovendo a anorexia, como um estilo de vida, não como um distúrbio. Importados principalmente dos Estados Unidos, centenas de sites desse tipo, em inglês, oferecem dicas de dietas ultra-radicaís. A anorexia é tratada como uma “amiguinha” a quem chamam de “Ana”. A bulimia é apelidada de “Mia”. Ambas são tidas como alia-

das no sonho de alcançar um corpo esquelético (*Veja*, 11 fev. 2004, p. 90-92).²

O primeiro artigo citado revela que 1,7 milhão de brasileiros, 90% deles mulheres, sofrem deste distúrbio alimentar, que se caracteriza por um regime de forma obsessiva, ainda que o indivíduo não esteja acima do peso ideal para sua idade e altura. Além de causar um enfraquecimento causado pela falta de nutrientes necessários para o bom funcionamento de seu corpo, ele/ela pode morrer de enfermidades agravadas pela desnutrição. A situação parece agora ainda mais assustadora, pois a anorexia começou a afetar adolescentes brasileiras com menos de 12 anos. O número de crianças anoréxicas cresce desde o fim da década de 1990 e mais do que dobrou nos últimos dois anos. Existe uma preocupação cada vez maior com a aparência física, em uma era em que o ideal de beleza predominante é o corpo magérrimo das modelos³.

Susan Bordo acredita que o fato de este tipo de disciplina — letal — chegar ao ápice durante um período histórico de reação cultural contra as tentativas de redefinir os papéis sexuais das mulheres mostra que uma potencialidade para a resistência e a rebelião é manipulada para servir à manutenção da ordem estabelecida (Bordo, 1997, p. 30). A anorexia e a bulimia parecem ser doenças do sexo feminino. Naomi Wolf afirma que 90% a 95% dos pacientes são mulheres. Os Estados Unidos, com o maior número de mulheres de sucesso na área profissional, paradoxalmente também lideram as estatísticas. O hábito da dieta transforma as mulheres em uma população tranqüilamente dócil e fácil de ser manipulada. A restrição calórica prolongada e

² Para mais detalhes sobre os danos da anorexia e sobre o chamado “mito da beleza”, ler meu artigo: O desejo seqüestrado das mulheres: desafio para a Teologia Feminista no século 21. In: SOUZA, Sandra Duarte de (org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Paulo: Metodista de S. Paulo, 2006. p. 156-164.

³ Na última semana de setembro de 2007 aconteceu em Milão a famosa Semana da Moda de Milão, que lançou uma campanha contra a anorexia, com cartazes mostrando fotos impressionantes de uma modelo pesando 31 kg e lutando contra as seqüelas da doença. Felizmente esta é a segunda manifestação contra modelos anoréxicas por parte de organizadores de desfiles de moda no mundo, a primeira tendo sido na Espanha, 2 anos atrás.

¹ Revista semanal produzida pela Editora Abril, Brasil.

periódica resulta em uma personalidade caracterizada pela passividade, pela ansiedade e pela emotividade. Segundo Wolf: "São esses traços, e não a magreza em si, que a cultura dominante deseja criar, no sentido pessoal de identidade das mulheres recém-liberadas, com o objetivo de erradicar os perigos dessa libertação" (Wolf, 1992, p. 248)

4. Autonomia ou heteronomia?

O questionamento que me fazem, quando falo da recente conquista da autonomia pelas mulheres, é se o movimento feminista conseguiu conscientizar as mulheres sobre seus valores intrínsecos, além da busca pelos direitos igualitários e direitos de cidadania. Muitas são as críticas que os setores patriarcais formulam ao feminismo ao apontarem para as mulheres que se submetem ao prazer masculino, como se fossem elas as forjadoras da pornografia ou as editoras das revistas masculinas.

Entretanto, a história do feminismo mostra que as mulheres estão, mesmo que em um processo lento, compreendendo o que significa ser humano em uma forma não mais definida pela cultura dominante. O feminismo tem colocado o corpo em sua agenda política para mostrar como as relações de gênero moldam e desenvolvem nossa percepção da vida em geral. Em particular, tem colocado em evidência a valoração, o uso e as atribuições diferenciadas que dá aos corpos das mulheres e dos homens. Falar em autonomia das mulheres no século XXI já não é novidade. Todos os dias vemos e ouvimos na mídia que as mulheres estão conquistando todos os espaços que antigamente eram dominados pelos homens e que estão se saindo muito bem. Esta conquista revela não apenas sua capacidade, mas também seu esforço para dar conta da dupla — às vezes tripla — jornada de trabalho.

A palavra *autonomia*, porém, tem-me soado estranha, ultimamente. Os casos mencionados acima questionam até que ponto as mulheres estão conquistando sua *autonomia*.

As pesquisas revelam que, nas últimas décadas, as conquistas das mulheres acontecem em todos os setores do conhecimento e das atividades humanas, que vai da área acadêmica à sua participação na vida política e social. Os Fóruns Sociais mostram a inten-

sa atividade social das mulheres em todo o planeta, organizando-se em redes globais (como a conhecida Marcha Mundial das Mulheres), de forma a interferir nas políticas públicas de suas cidades, regiões ou países. Governos incorporam planos de gênero em sua gestão, a partir de uma perspectiva de direitos e de democracia. São avanços significativos, embora nem sempre essas políticas sejam aplicadas de forma transversal, pois as mulheres ainda são fixadas em seu papel ligado à maternidade, esquecidas as demais funções e expectativas que a considerem em sua identidade plena como mulher. O feminismo, a partir da década de 1980, fez com que as mulheres se descobrissem como seres de direito e cidadãs plenas, que lutam por sua inclusão nas dinâmicas de construção da cidade e da sociedade. Seja nas comunidades, no âmbito familiar ou no campo de trabalho, elas aprenderam a negociar seu reconhecimento e a renegociar as relações de poder nos lugares onde estão inseridas, enfrentando todos os tipos de discriminação (gênero, classe, raça/etnia, geracional, de orientação sexual).

Como desconstruir, porém, as ideologias sexistas que reproduzem e tentam legitimar a idéia da inferioridade e da subordinação das mulheres? Esta é uma tarefa complexa, pois estereótipos foram construídos para mostrar as mulheres como seres frágeis, emocionais, intuitivos, pouco ligados às atividades intelectuais, políticas. Ao contrário, seu âmbito é o doméstico, sua função é a maternidade. Para justificar esses estereótipos, todo um caminho foi feito para identificar as mulheres com os elementos menos valorizados da natureza e das atividades humanas. A primeira identificação foi com o corpo, que por sua vez foi considerado hierarquicamente inferior ao espírito e à razão. Por esse motivo, é possível afirmar que o corpo é uma importante categoria analítica para a desconstrução das ideologias sexistas sobre as mulheres.

Neste sentido, uma das ações prioritárias do feminismo é desconstruir o essencialismo⁴ que envol-

⁴ O essencialismo é uma teoria que sustenta que a biologia afeta diretamente os seres humanos, dando-lhes características particulares. No caso das mulheres, sustenta a idéia de uma suposta "natureza feminina". As características adquiridas histórica ou socialmente são rejeitadas ou confundidas com características biológicas. No caso das mulheres, confirmaria uma suposta "essência feminina".

ve os conceitos de mulher e homem, com todas as conseqüências epistemológicas que isso implica (Lamas, 1994, p. 4).

5. O corpo como lugar de rebelião

Desde que visitei o Museu de Frida Kahlo (*A Casa Azul*), no México, há uma década, os quadros dessa pintora têm-me impressionado pela vitalidade, pelo sofrimento, pela emoção que ela imprimiu em suas obras. Impossível não sentir várias sensações ao mesmo tempo. À primeira vista, seus quadros parecem desafiar, zombar da estética clássica. Seus últimos quadros mostram figuras esqueléticas, sofridas, ela mesma atada, jogada a uma cama, como passou muitas de suas crises de terrível sofrimento físico. Mas sempre desafiadora, transgressora, rebelde, autêntica. A pintura foi não apenas uma maneira de revelar-se a si mesma e sua sensibilidade, mas de mostrar toda sua dor, sua impotência diante de seu sofrimento, das tragédias que a marcaram.

Sua pintura “realista”, como afirmava Diego Rivera, ou “surrealista”, como André Breton a chamou, mostra sua inserção na realidade da cultura mexicana, com seus deuses, crenças e mitos indígenas. O fato de ter valorizado a autêntica cultura mexicana, com suas cores, suas flores, seus objetos mais cotidianos, ajuda a enfatizar o realismo de seu sofrimento e da cultura que a rodeava, e o surrealismo das imagens marcantes de seus fantasmas...

O que mais me impressiona é que a maioria de seus auto-retratos é como um grito de dor, de desespero, de agonia, estes superados por sua vitalidade, sua rebeldia, por sua vontade de viver, de aproveitar os momentos prazerosos. Como sua vida, eles mostram a superação, sua incapacidade de se calar e se conformar às ciladas do destino que a impediu até de ser mãe. Rebeldia e superação parecem ser suas marcas.

Para mim a pintura de Frida Kahlo revela não apenas sua vida, mas suas paixões, a forma como se relacionou com seu corpo, como superou os limites de um corpo atormentado pela dor e pelos aparelhos que foi obrigada a usar depois do acidente que a deixou mutilada. Sua rebeldia não se dá apenas con-

tra as imposições da mutilação e a fraqueza de seu corpo, mas contra uma sociedade extremamente machista e patriarcal, em que as mulheres se submetem aos mandos e desmandos de seu companheiro. Ela seguiu seus impulsos, foi autêntica, desafiando as normas da sociedade. Sua vida sexual, sua tenacidade, suas pinturas mostram isso.

Creio que o corpo é um instrumento de conhecimento a partir do momento em que ele se torna um mecanismo para conhecer o mundo que nos cerca. Ter um corpo bonito, perfeito, é diferente de ter um corpo deficiente ou enfermo, porque temos que superar nossas limitações para compreendermos o lugar de nosso corpo no mundo. Assim, também, quando nosso corpo envelhece, nossa relação com o mundo vai se transformando, pois novos limites nos são colocados.

O corpo, secularmente manipulado, é o primeiro lugar de opressão das mulheres. Pode-se dizer que ele é o *locus* no qual o patriarcado é encenado.

Lisa Isherwood, teóloga inglesa, afirma que a história e o destino das mulheres estão escritos em nossos corpos, de uma forma que eles são não apenas um lugar de opressão, mas também de rebelião. Por meio da sexualidade é possível encontrar uma linguagem contínua com nossos desejos. Também chama a atenção para o fato de que, se o corpo é o primeiro local da opressão das mulheres, deve ser também o melhor lugar para a desconstrução da ideologia sexista sobre elas. Acredita que é por meio de nosso espaço mais íntimo que podemos ser colonizadas ou liberadas. Nosso corpo e nossa sexualidade são o que temos de mais próprio, mas deles temos sido desapropriadas pelas colunas-mestras do patriarcado, como a medicina, a religião, o direito, a psicologia. E é através desse lugar que devemos começar nossa revolução (Isherwood, 2000, p. 21).

Desta forma, um novo paradigma é oferecido pelo corpo das mulheres, na medida em que a presença corporal é um novo conhecimento que desafia a Palavra tradicional. Coloca-se a subjetividade corporificada no coração do conhecimento, de forma a declarar inválida a “racionalidade objetiva absoluta que tem sido a ‘norma’ dentro da mitologia patriarcal” (Isherwood; Stuart, 1998, p. 22-23).

6. O que diz a teologia feminista da libertação?

A teologia feminista da libertação, com seu berço na teologia da libertação latino-americana, busca ser uma reflexão feita por mulheres no contexto sociopolítico dos excluídos na América Latina, a partir de uma perspectiva de gênero. Neste sentido, a teologia feminista da libertação quer refletir sobre os temas atuais que provocam e desafiam as mulheres na vida cotidiana em busca de sua autonomia enquanto seres de plenos direitos.

Enquanto teóloga feminista, creio que nosso primeiro objetivo é tentar preservar o que temos de mais autenticamente nosso, fora da dominação patriarcal: nossos desejos, nossas utopias, nossa mente, nosso corpo. E este é a parte mais vulnerável, talvez por ser aquilo que todos podem ver, tocar, sentir. Como preservá-lo das maquinações, do controle social, patriarcal? Como eu entendo o destino dado pelo Criador, ao me criar mulher, ser capaz de reproduzir um outro ser, o único ser semelhante ao Criador, pois o único capaz de criar a partir de si mesma, a partir de seu próprio corpo?

Mulheres como Frida Kahlo usam seu corpo como forma de rebelião. Em linguagem teológica podemos dizer que ela propõe uma reconciliação⁵ para o corpo ferido, abusado, desvalorizado das mulheres.

Desde que Eva foi acusada de trazer o pecado e a desgraça ao mundo, pela epístola a Timóteo (1

Tm 1,9-15) ou pelos teólogos da época patrística, o corpo das mulheres caiu em desgraça e tornou-se o grande símbolo do mal para a humanidade. É bem conhecida a frase em que Tertuliano acusou as mulheres como portal do Inferno, como seguidoras de Eva, portanto, tentadoras e introdutoras do pecado no mundo.

Se Eva foi a grande pecadora, se nós somos inexoravelmente suas seguidoras, apenas pela natureza de nosso corpo — com a única exceção de Maria, a mãe imaculada de Jesus — por consequência somos figuras secundárias da criação, de acordo com os teólogos patrísticos. E é por esse motivo que as normas sobre quem pode e quem não pode receber o sacramento da ordem (isto é, decidir sobre os rumos da instituição e ser mediadores da divindade) na religião católica romana refletem exatamente essa “inferioridade” das mulheres. Desde que Eva foi culpabilizada pelo mal da humanidade, nosso pecado está impresso em nossa alma e o nosso corpo é o reflexo desse pecado, por isso sempre sedutor, tentador. Significativamente, aquilo que deveria ser qualidade do ser humano (sedução) é visto ao reverso, como sinal de inferioridade e maldição.

Assim, a partir das imagens que apontamos no início, a prostituta é aquela que coloca em evidência suas atribuições de sedução e tentação e, portanto, desprezada até perder sua dignidade, respeitabilidade e direitos como ser humano.

O mundo globalizado tenta auferir lucro sobre o corpo das mulheres, como se fosse apenas mais um objeto de consumo. E muitas mulheres caem nessa armadilha, sem se dar conta de que estão sendo manipuladas pela ideologia dominante. Assim também as jovens que querem ter um corpo magérrimo, como é palatável ao mercado da moda, em que as mulheres parecem apenas esboços e não seres de carne e osso.

E para quem olha objetivamente para esses corpos, esqueléticos, frágeis, é possível concordar com aquelas que dizem que essa guerra contra o corpo das mulheres tem a finalidade de minar o feminismo, tornando aquelas que são potencialmente as futuras reivindicadoras em seres tão fracos que se tornam incapazes de pensar, de agir, de reagir, de ter alguma consciência de sua realidade como mulheres. Pesquisadoras como Naomi Wolf e Susan Faludi postularam a cultura da dieta como

⁵ A reconciliação é uma das experiências básicas do cristão, que, por intermédio do amor de Jesus Cristo, reconcilia-se com Deus, segundo a teologia de Paulo (em Romanos, Coríntios, Efésios, Colossenses). Afastado de Deus pelo pecado, é pela vida e morte de Jesus que o cristão tem a possibilidade de reabilitar-se diante de Deus, superando o pecado (cf. 2 Co 5,18-21). Optei por usar este conceito teológico, em vez de “salvação”, mais conhecido, porque as teólogas feministas rejeitam a idéia de um pecado original trazido pela primeira mulher e de uma salvação trazida por um homem, Jesus. Neste contexto, estaríamos aceitando a idéia da inferioridade da mulher, por ser a portadora da desgraça (pecado original) à humanidade. O conceito de “reconciliação” é mais ameno, mais apropriado para mulheres e homens que se afastam de Deus mas querem se reabilitar, por meio de boas ações. Neste sentido, a idéia é de “superação do pecado”, que não subentende necessariamente a existência de um/a pecador/a, mas a existência de alguém que sofreu as consequências do pecado.

um fenômeno de “reação” (*backlash*)⁶ contra o movimento de liberação das mulheres (Wolf, 1992; Faludi, 1992), tendo em vista que este ataque ao corpo das mulheres acontece exatamente no mesmo momento em que as mulheres — mesmo que brancas e de classe média — alcançaram sucesso no mercado de trabalho. Esta ideologia procura destruir psicológica e sorratamente tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres (Wolf, 1992, p. 13).

A meu ver, mulheres rebeldes, transgressoras como Frida Kahlo ou Sór Juana Inez de la Cruz, oferecem-nos um modelo de reconciliação para o corpo feminino, inferiorizado, culpabilizado, violentado, excluído. Se reconciliar tem a ver com “reabilitação”, “superação do pecado” (cf. 2 Co 5,18-21), do ponto de vista das mulheres pode significar superação da culpa de Eva na transgressão às leis patriarcais no Gênesis. Neste sentido, mulheres *novas* têm que realizar a reconciliação para as mulheres. Isto quer dizer para nós, mulheres, que reconciliar com “todas as coisas, terrestres e celestes, estabelecendo a paz”, “tirando a mancha do pecado” (cf. Cl 1,20, 22), significa desconstruir o pecado da mulher, abolir o pecado. Se a reconciliação acontece pela “vida e morte de Jesus”, se tem a ver com “a morte e o pecado trazidos pela transgressão de Adão” (cf. Rm 5,11-14), agora a vida e a morte de Jesus, que era amigo das mulheres e nos escolheu também para o discipulado, deverá trazer para as mulheres a reconciliação com sua própria identidade, não mais pecadora. Mais que isso, a reconciliação para as mulheres deve romper com a idéia de que apenas Paulo e seus companheiros⁷ receberam o ministério da reconci-

liação e podem exercer a função de “embaixadores em nome de Cristo” (cf. 2 Co 5,18-20). Estas transgressões deverão assinalar que as mulheres podem alcançar sua autonomia, não apenas como cidadãs civis, mas também como cidadãs plenas do Reino.

Referências

- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; Bordo, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41.
- FALUDI, Susan. *Backlash: the undeclared war against American women*. New York: Anchor Books- Doubleday, 1992.
- ISHERWOOD, Lisa (ed.). *The good news of the body: sexual theology and feminism*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000.
- _____.; STUART, Elizabeth. *Introducing body theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- LAMAS, Marta. Cuerpo: diferencia sexual y género. *Debate Feminista*, a. 5, v. 10, Sept. 1994.
- TOMITA, Luiza. O desejo seqüestrado das mulheres: desafio para a Teologia Feminista no século 21. In: SOUZA, Sandra Duarte de (org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Paulo: Metodista de S. Paulo, 2006.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

⁶ Aqui traduzimos a palavra “backlash” como “reação”, conforme traduzida por Waldéa Barcellos, no livro de Naomi Wolf, *The Beauty Myth* (1992), por ser este o sentido mais utilizado para esta palavra, segundo especialistas da língua inglesa. Colocamos a palavra também em inglês por ela ter-se transformado em importante referência para o movimento feminista que hoje luta contra essa reação em cadeia. O livro de Susan Faludi, *Backlash*, tornou-se, por isso, um clássico, para o feminismo.

⁷ Mesmo que originalmente Paulo não tenha tido a intenção de definir “companheiros” como exclusivamente do sexo masculino, a instituição que se consolidou a partir do século IV determinou que apenas os varões poderiam exercer a função sacerdotal.